



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**JORGE BONFIM SANTIAGO FARIAS**

**VIA METROPOLITANA: A ESTRADA QUE DIVIDIU VIDAS**

**Salvador – BA**

**2021**

JORGE BONFIM SANTIAGO FARIAS

**VIA METROPOLITANA: A ESTRADA QUE DIVIDIU VIDAS**

Memorial descritivo do documentário Via Metropolitana- A estrada que Dividiu Vidas, apresentado como requisito para a obtenção do grau de bacharel do curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo.

**Orientador:** Prof. Dr. Washington José de Souza Filho.

**Salvador – BA**

**2021**

*Dedico este trabalho aos abnegados professores, verdadeiros parceiros, que com toda calma, paciência e didática do mundo trabalharam para, através do ensino, transformar a minha vida. Estendo minhas estimas aos colegas e parceiros do Quilombo do Quingoma, que me ajudaram neste projeto pensado ao longo de três anos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Embora não seja religioso, quero começar agradecendo a Deus pela força de todas as noites de desespero, principalmente nos últimos dias. Agradeço aos meus pais Hildete Maria e Raimundo Jorge Farias pelo amor, carinho, confiança, pela luta e pelo privilégio de ser filho deles. Meus pais abriram os caminhos e, com todo sacrifício, me deram o melhor que poderiam me dar. Agradeço aos meus irmãos, Priscila, Lucas, Anderson e Luciano, pelo apoio incondicional e confiança.

Ao longo desses anos tive o privilégio de ter professores muito especiais, acho que foi muita sorte. Agradeço imensamente ao querido professor Washington José de Souza Filho, pela orientação não só neste trabalho, mas em todas as outras disciplinas que fizemos juntos. Minha escolha por ele como orientador foi a certeza de que tinha a pessoa certa para me ajudar no encerramento deste ciclo na UFBA.

Agradeço também à professora Maria Carmen de Souza, por ter acreditado na minha proposta em COM116, ao professor Tássio Cardoso, da UNEB, que já havia desenvolvido trabalhos acadêmicos na comunidade e me ajudou com muitas pesquisas. Agradeço ao Professor Gildásio Freitas pelo apoio. Agradeço ao meu colega e grande parceiro Bruno Luiz, que desenvolveu junto comigo o primeiro projeto deste documentário.

E com muita emoção agradeço imensamente aos moradores e lideranças do Quingoma: Dona Ana, Gabriela Menezes, Antônio Borges, Pai Manoel, Reinaldo Bispo, Marivaldo Santos e a todos os colaboradores que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste documentário. Cada orientação, cada palavra e cada questionamento foram fundamentais para a construção deste trabalho.

## RESUMO

Este memorial descreve o processo de criação do documentário Via Metropolitana: A Estrada que Dividiu Vidas, produzido para conclusão da Comunicação com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Bahia. Construído ao longo de três anos, através de visitas semestrais entre 2018 e 2021, esta produção buscou acompanhar as transformações na vida dos moradores e a luta por melhorias na comunidade como forma de reparação pelos impactos ambientais causados pela construção.

**Palavras-chaves:** Comunidade; Quilombola; Transformações; Jornalismo; Documentário.

## ABSTRACT

This memorial describes the process of creating the documentary "Via Metropolitana: A Estrada que Dividiu Vidas", a film produced as a conclusion of the course of Social Communication with Qualification in Journalism of the Federal University of Bahia. Built over three years, through semi-annual visits between 2018 and 2021, this production sought to accompany the transformations in the lives of residents and the struggle for improvements in the community as a way of repairing the environmental impacts caused by the construction.

**Keywords:** Community, Quilombola, Transformations, Journalism, Documentary.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 01:** Certificado de exibição no site do *Profissão Repórter*.....11

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>3 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>13</b>
<b>4 OBJETIVOS.....</b>	<b>15</b>
4.1 OBJETIVO GERAL.....	15
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
<b>5 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
5.1 QUINGOMA – TERRITÓRIO QUILOMBOLA.....	16
5.2 ENTREVISTADOS.....	17
<b>6 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
6.1 PRODUÇÃO .....	20
6.2 DECUPAGEM .....	21
6.3 MONTAGEM .....	22
6.4 DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO .....	23
6.5 EDIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO .....	24
6.6 FINALIZAÇÃO .....	24
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## **1 APRESENTAÇÃO**

Este memorial busca retratar as transformações na vida dos moradores do Quilombo do Quingoma, localizado em Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador. Nele discorro sobre minhas experiências com esta produção, os desafios que enfrentei e as técnicas que coloquei em prática para conseguir finalizar este produto.

De início apresento um breve histórico sobre como surgiu a ideia do documentário, depois é explicado sobre o que é o Quilombo do Quingoma, trago minhas motivações e técnicas e por fim, apresento os desafios que enfrentei para concluir.

Via Matropolitana: A Estrada que Dividiu Vidas - é um documentário construído ao longo de três anos. Neste trabalho, foram feitas entrevistas com os moradores do Quilombo do Quingoma para registrar as transformações e a luta da comunidade por contrapartida para as pessoas que foram diretamente afetadas pela construção da rodovia.



## 2 INTRODUÇÃO

Em 2018, participei do GloboLab, oficina que reunia jovens estudantes de comunicação de todo o Brasil para um workshop de telejornalismo focado em inovações nas temáticas e nas linguagens audiovisuais. O projeto estava na quarta edição e foi executada pela equipe do *Profissão Repórter*, programa de reportagens exibido semanalmente nas noites da TV Globo. Na época, a equipe viajou por cidades como Belém, Fortaleza, Porto Alegre, Curitiba, Campo Grande, Campinas e Salvador, ao qual participei.

Durante uma semana a equipe promoveu oficinas de reportagens e, ao final do curso, os participantes, em dupla, poderiam produzir uma reportagem - as doze selecionadas iriam para o site do *Profissão Repórter*. Entre as 65 pessoas que participaram da oficina, formei dupla com Bruno de Souza Santos, que na época estudava comigo na Faculdade de Comunicação da UFBA. Eu o conhecia não só da faculdade, mas também acompanhava seu trabalho no site Bahia Notícias. Então pensei que poderíamos somar nossas habilidades para construir um bom projeto.

Nossa ideia inicial era buscar algo com que tivéssemos algum tipo de relação e, como já tínhamos feito um trabalho sobre o lixo reciclado da UFBA, decidimos falar sobre lixões na Bahia. Encontramos um que estava para ser desativado na região de Lauro de Freitas, mas não tínhamos muitas informações, por isso decidimos fazer pesquisa de campo. Seguindo pelo Google Maps, chegamos à localidade por uma estrada novíssima, que nem sinalização tinha. Logo mais à frente tínhamos uma ladeira inclinada sem pavimentação, que precisávamos subir para encontrar o lixão. No topo, conversamos com alguns moradores para buscar mais informações sobre o lixão que estava para ser desativado.

As pessoas davam a informação, mas sempre associavam o problema à construção de uma estrada. As narrativas seguiam para os caminhos mais escabrosos de violência, assédio, assassinato e estupro. Entendemos que tínhamos encontrado histórias mais interessantes para abordar. Inconscientemente, eu me perguntava sobre como iríamos apurar todas as informações que recebíamos.

O tempo que tínhamos era curto para aprofundar um assunto tão complexo e perigoso. Compreendemos que, segundo eles, tudo aquilo estava acontecendo por causa da rodovia nova, então deixamos a história do lixão e mudamos a pauta. optamos por abordar a construção da rodovia.

Era uma quinta-feira, 16 de março de 2018. Chegamos lá às 9h da manhã e saímos às 16h. Não estávamos munidos de informações suficientes para dar um recorte para esta nova pauta que tínhamos decidido fazer. Nossas primeiras entrevistas foram uma tentativa de encontrar um recorte que fosse viável para explorar. Conversamos muito, fomos até a casa das pessoas e ouvimos histórias intrigantes, como a de uma mulher que ficou com a casa dividida nas duas margens da rodovia, a de uma senhora que tinha dificuldade de locomoção porque a obra havia bloqueado as passagens da comunidade para a casa dela.

Essas histórias nos deram um norte, decidimos falar sobre as transformações na vida das pessoas a partir da construção da Via Metropolitana. Gravamos muitas entrevistas e voltamos pra casa com quase cinco horas de material feito com celular. Como tinha sido uma troca repentina na pauta, muita coisa ficou solta. Voltamos para casa com muito material gravado e muitas dúvidas também. Fizemos pesquisas para confirmar as informações que tínhamos e decidimos voltar à comunidade para gravar mais coisas e gravar mais entrevistas. Desta vez estávamos mais preparados para confrontar informações e com uma seleção prévia de perfis que tinham rendido mais na primeira gravação.

Neste segundo dia fizemos uma gravação mais focada naquilo que queríamos abordar. Isso nos ajudou na hora de montar o conteúdo do vídeo. Voltamos para casa com mais duas horas de gravação. Tínhamos em mãos um material extenso, boas histórias que se transformaram em um grande desafio pela frente, mas conseguimos. Fizemos uma reportagem de sete minutos e, entre 174 reportagens de todo o Brasil, a nossa, intitulada “A estrada que divide sonhos”, ficou entre as doze selecionadas para o site do programa *Profissão Repórter*. O que muito nos envaideceu, não só pelo reconhecimento do nosso trabalho, mas por termos conseguido superar o desafio que criamos e conseguir entregar uma história relevante para as pessoas.

**Figura 01:** Certificado de exibição no site do *Profissão Repórter*.



**Fonte:** Certificado conferido às 12 duplas que tiveram suas reportagens apresentadas no site do *Profissão Repórter*.

Quando terminei a reportagem para a oficina, fiquei inquieto sobre o destino daquelas pessoas depois que a Via fosse inaugurada. Mantive contato com os moradores e eles me atualizaram sobre as audiências públicas para tratar do tema e as ações que estavam sendo feitas para garantir a sobrevivência da comunidade. Como já tinha gravado muito material e a via, na época, estava para ser inaugurada, decidi registrar essas histórias em vídeo e acompanhar os desdobramentos dos acontecimentos na vida dessas pessoas. Minha ideia inicial era fazer isso por três semestres, mas o projeto acabou estendendo-se por três anos.

Queria poder acompanhar ao longo do tempo o que aconteceria com eles e, ao final do período, ver o que conseguiram de contrapartida para a comunidade. Também queria saber se a vida deles iria melhorar ou piorar com a inauguração da Via que estava para acontecer.

Então, entre os anos de 2018 e 2021, foram realizadas visitas periódicas à comunidade com o objetivo de acompanhar de perto as transformações e o resultado deste experimento é um documentário de 24 minutos que registrou parte dessas histórias semestralmente para acompanhar os avanços (ou não) das reivindicações

dos moradores quanto à posse do território, à manutenção das áreas que habitam, às soluções para os problemas causados pela construção da via, reparação da concessionária quanto aos impactos causados na vida dos moradores e do meio ambiente, acessibilidade da comunidade e melhorias de infraestrutura e desenvolvimento da comunidade ao longo deste tempo.

### 3 JUSTIFICATIVA

Este documentário surge para mim como forma de pôr em prática minha habilidade e explorar uma história com profundidade. Como trabalho de conclusão do Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo, busquei um produto com o qual pudesse experimentar e que, ao mesmo tempo, tivesse uma relação direta com a área do jornalismo que pretendo atuar. Tendo em vista o crescimento do mercado de *streaming* no Brasil, como aponta um estudo divulgado pelo Portal UOL em outubro de 2020, que só naquele ano, este mercado cresceu 37%. Minha percepção enquanto consumidor deste é que, este modelo de conteúdo, possibilitou aumento de demanda por documentários e por produtos derivados do gênero. Segundo José Carlos Aronchi de Souza, em seu livro *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira*, “O documentário foi incorporado por outros produtos midiáticos, como programas de TV, jornalísticos e obras ficcionais, que usam dos seus artifícios para dar veracidade a um fato”(2004. p.57). Neste quesito, vale destacar o papel do jornalístico Globo Repórter, Rede Globo.

Segundo Amir Labaki, em *Introdução ao Documentário Brasileiro*, o Globo Repórter foi pioneiro por difundir o consumo do gênero no mercado nacional, em sua primeira fase, de 1973 a 1983, inteiramente produzido por documentaristas, o jornalístico possibilitou o aumento de produção documentários na época. “ao incorporar o gênero, o programa abriu uma janela de oportunidade para o aumento da produção de documentários no Brasil” (LABAKI. 2010.p.60). Desde então, o gênero vem se diluindo em formatos televisivos como *Manchete Especial: Televisão Verdade (Rede Manchete- SBT)*, *SBT Repórter (SBT)*, *Repórter Record (TV Record)*, *Profissão Repórter (TV Globo)*, entre outros.

A construção de uma Via que passa por um território Quilombola, desapropriando moradias e causando desarranjos ambientais mostrou-se de grande impacto na vida dos moradores do Quingoma. Ofereço um recorte no qual construo uma narrativa a partir de entrevista com moradores, para falarem dos problemas, das ações que vem desenvolvendo ao longo deste tempo para garantir a sobrevivência da comunidade e das perspectivas quanto ao futuro.

Por mais que haja uma intenção de reparar o que porventura foi destruído: as árvores centenárias que ocupavam aquele espaço, as espécies de animais que habitavam aquele lugar, sem falar na questão sentimental e ancestral de um povo que

vive naquele território há muitas gerações. Acompanhamos esta história por quase três anos para registrar estas transformações ao longo do tempo.

## 4 OBJETIVOS

### 4.1 OBJETIVO GERAL

Meu objetivo foi visitar a comunidade semestralmente entre os anos de 2018 e 2021, para acompanhar as histórias dos moradores do Quingoma, gravar entrevistas sobre os problemas, os impactos causados pela Via Metropolitana e as transformações na comunidade ao longo deste tempo para a produção de um documentário de 24 minutos.

### 4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Acompanhar as transformações na localidade através de visitas;
- Checar quais reivindicações dos moradores foram atendidas ao longo dos anos;
- Registrar a história da comunidade sob a ótica dos moradores do Quingoma.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

### 5.1 QUINGOMA – Território Quilombola

O Quingoma é uma comunidade localizada em Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador. Cerca de 3.500 famílias habitam neste território. Segundo Ana Lúcia dos Santos, Presidente da Associação de Moradores do Quingoma, apenas quinhentas destas famílias se identificam como quilombolas. De acordo com o relatório antropológico do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o nome Quingoma tem origem no povo banto (originalmente, se grafava bantu), e significa 'pequenos atabaques'. Os moradores contam que os negros escravizados usavam atabaques como códigos de comunicação para anunciar perigos de invasões nas matas deste que, segundo eles, é o primeiro Quilombo do Brasil.

Em sua Dissertação de Mestrado intitulada Vozes do Quingoma - Processos Formativos e Tecnológicos como Contributos para o Diálogo entre Currículos Praticados e Escolares - o professor e historiador Tássio Cardoso Simões pontua que o Quilombo do Quingoma foi formado no século XVI, com a chegada dos primeiros agrupamentos de homens e mulheres escravizados. Em entrevista para este documentário, questionado sobre a possibilidade de o Quingoma ser o primeiro quilombo do Brasil, ele afirmou que Diante da quantidade de Quilombos que se formaram no séculos XVI, não é possível afirmar que o Quingoma seja o primeiro de todos.

Cercado por matas, com ruas visivelmente esburacadas e uma estrada de barro que corta todo o território, é notório que a comunidade carece de infraestrutura e saneamento básico. Com uma forte ligação com a terra, grande parte dos moradores tira seu sustento da agricultura familiar.

Reconhecido em 2013 como território quilombola pela Fundação Palmares, a comunidade tenta, desde 2014, conseguir a titularidade da terra junto ao INCRA, órgão responsável pela demarcação, mas o processo está parado desde então. A falta de titularidade os torna vulneráveis a invasões. Segundo Ana Lúcia, a construção da Via Metropolitana é reflexo disso. Os moradores diretamente afetados pela construção foram indenizados pelas casas que perderam, mas não pelo território. Sem a titularidade, eles não têm direito à terra.



A construção da Via Metropolitana foi iniciada em 2016, mas para os moradores os problemas começaram em 2013. A presença de pessoas estranhas circulando pelo território foi o início de uma série de conflitos entre os habitantes que viviam há muitas gerações naquelas terras e os representantes da construtora. A partir de então, uma série de audiências públicas foi feita para tratar do tema e tentar conciliar os interesses. De um lado, a comunidade buscava a manutenção do seu território e contrapartidas diante dos iminentes impactos que a estrada causaria na região; do outro, o consórcio ofereceu plantio de plantas e árvores, reparar o que foi destruído e indenização pelas casas desapropriadas.

Ligando a BA 526 de Camaçari a Estrada do Coco em Lauro de Freitas, a Via Metropolitana foi inaugurada em 19 de junho de 2018. São 11,2 km de extensão ao custo de R\$298 milhões, de acordo com a Secretaria de Comunicação do Governo da Bahia.

## 5.2 ENTREVISTADOS

Para a produção deste documentário, conversei com muitas pessoas. Selecionei para entrar no documentário personalidades que morassem na localidade por mais de dez anos, que tivessem uma forte ligação com a comunidade e que a vida tivesse sido diretamente afetada pela construção da Via Metropolitana. Estas são algumas das pessoas que se enquadram neste perfil.

Dona Maria das Graças - Primeira pessoa com quem falei quando cheguei no Quingoma. Ela é uma mulher muito simples, que vivia da agricultura, morava há trinta anos numa localidade que foi desapropriada para a construção da via. Ela recebeu como indenização 30 mil para dividir com o marido e uma filha.

Jorge Luiz - Jorge é agricultor, morador da comunidade há mais de 30 anos. Os acessos que ligavam a sua casa ao restante da comunidade foi prejudicado pela construção.

Dona Severina – Agricultora de 63 anos, mudou-se para comunidade ainda na adolescência. Vizinha de Jorge Luiz, também enfrenta dificuldades de acesso por causa da construção da estrada.

Gabriela Menezes - Personagem que me impressionou muito, pois perdeu a casa em que viveu a maior parte da vida, seu terreno ficou dividido pela rodovia e uma

parte ficou completamente inacessível. Em meio a tudo isso, ela descobriu um câncer e passou a viver numa casa feita de contêiner.

Abinario - Agricultor, mudou-se para comunidade há 25 anos. Construiu família e patrimônio no Quingoma. Teve parte do seu território requisitado para a construção da rodovia, o que provocou perda de área para plantio e pastagem dos animais que criava.

Antonio Borges - Agricultor, também perdeu área o que provocou uma diminuição considerável de criação de animais.

Pai Manoel - Líder espiritual da comunidade, Conhece a comunidade do quingoma há mais de 30 anos, 20 anos como morador, acompanhou de perto as transformações na comunidade. Teve a área do terreno danificada, árvores cortadas e riachos soterrados. Ele tinha uma visão mais pragmática do problema, demonstrava que não tinha o que fazer, mas que ia correr atrás para que o mínimo de reparação fosse feito.

Dona Ana - Liderança espiritual e social da comunidade. Encabeça com outras pessoas um movimento de preservação do território e da história da comunidade. Na linha de frente da luta pela sobrevivência do Quingoma

Reinaldo Bispo - Liderança da comunidade que se reconhece como quilombola. Uma pessoa que participa de um movimento de autoafirmação da comunidade e desenvolve trabalho social para jovens.

Marivaldo - Teve parte do terreno que ele usou durante anos para plantar e conseguir o sustento foi completamente alagado para a construção de um condomínio. Ele entrou na última fase de gravação. Sua história aparece como reflexo da onda de especulação imobiliária causada pela inauguração da rodovia três anos antes.

Faz-se necessário fazer referência a outros personagens que não entraram no documentário, como Joilson Santos, jovem que tirava o sustento do lixão da comunidade. Ele participou da primeira gravação, mas depois não quis mais participar.

O mesmo aconteceu com outros personagens. No primeiro momento, achei que isso seria um problema, pois iria desidratar minha história. Mas no final, quando comecei a montar o material, consegui dar uma unidade na construção de discurso.

O professor e historiador Tássio Cardoso também é outro personagem que não entrou no documentário. Minha ideia inicial era contar com o suporte de um historiador para contextualizar a comunidade e trazer uma visão de uma pessoa que,

assim como eu, não faz parte dela, mas vivenciou aquela realidade de outra forma. Chegamos a gravar uma entrevista pela internet que tiveram muitos problemas técnicos. Deste nosso dialogo sobrou apenas áudios picotados e uma imagem travada. Ou seja, a entrevista não funcionou. Depois disso nossas agendas não possibilitaram uma remarcação.

## 6 METODOLOGIA

Este documentário foi produzido entre março de 2018 e abril de 2021. Ele nasceu a partir de uma inquietação quanto ao futuro dos moradores depois da inauguração da Via Metropolitana. A ideia inicial era fazer este acompanhamento por três semestres, porém o projeto estendeu-se por três anos, o que, de certa forma, enriqueceu-o com um recorte temporal mais amplo.

O documentário foi feito a partir de entrevistas com moradores da região e o critério de escolha foi mostrar atores sociais que tiveram a vida diretamente afetada pela construção da rodovia. Como já havia feito uma pesquisa de campo, nas gravações seguintes fui com um planejamento para abordar personalidades que já conhecia e agregar novos. Foram feitas doze visitas: duas em 2018, oito entre 2019 e 2020 e mais duas em 2021.

Buscava com essas visitas ouvir os moradores por mais de uma vez, como fiz com Ana Lúcia (DonAna), uma das lideranças do Quingoma, que gravou quatro vezes para o documentário. Este modelo de repetição de entrevistas serviu, não só para ter a melhor opção de corte na edição, como também para poder comparar os discursos em diferentes momentos. Esta experiência me deu base para afinar minhas abordagens nas entrevistas.

Gravei um pouco a cada ano, o que me rendeu, desde o primeiro até o último corte, mais de dezesseis horas de conteúdo para decupar. Exagero, tendo em vista o tempo de arte do produto final, mas este material, assim como o da primeira entrevista, quando nem tinha pensado em documentário, pode servir para outras produções futuramente. Talvez uma versão maior deste documentário, ou uma atualização nos próximos anos.

### 6.1 PRODUÇÃO

Durante sete anos, trabalhei numa produtora de conteúdo para TV na qual tudo que tínhamos como verba de produção era o dinheiro do transporte e o da água. Então, com essa experiência, aprendi a ser humilde nas minhas produções e neste documentário não seria diferente. Entre os anos de 2018 e 2021, gastei em média R\$740,00 (valor equivalente à gasolina para ir e voltar e aos pedágios que passaram a ser cobrados a partir de 2019).

A ideia inicial era gravá-lo inteiramente com celulares e assim foi feito até 2020. Neste período, foram usados celulares de diferentes marcas e modelos. Em 2018, foi utilizado o celular Samsung Galaxy; em 2019 e 2020 foram utilizados o Iphone 8 e o Iphone 11. Todas as gravações com celular contaram com um gravador de som externo, o Zoom N1. Embora tivesse um bom resultado com as imagens captadas com os celulares Iphone, a captação de áudio ainda era arriscada, por isso, a câmera Sony 5D foi incluída como suporte de segurança.

Nesta produção, contei com a ajuda de alguns amigos: Bruno Luis, que começou este trabalho comigo, ajudou na captação de imagens em 2018; em 2019, contei com a ajuda de Huille Silva, que atuou como assistente de produção; em 2020, Franklin Moraes ajudou dando suporte nas gravações; e em 2021, Antonio Carvalho ajudou na captação de imagens. Como as entrevistas foram feitas com celular, nossa produção contou com equipamentos próprios, salvo em 2021, quando Antônio me deu o suporte operando uma Câmera Sony 5D.

## 6.2 DECUPAGEM

Em 2018, quando decidi transformar a história dos moradores do Quingoma em documentário, montei uma estrutura de trabalho, juntei e cataloguei todas as informações que surgiam sobre o tema, além de organizar o material bruto que tinha sobrado da reportagem para facilitar a seleção de conteúdo para o documentário. Tentei decupar este material desde o primeiro dia. Até 2020, eu tinha conseguido organizar tudo por semestre e tema, tinha separado as melhores partes e deixado tudo preparado para começar a montar o conteúdo. Neste momento faz-se necessário analisar todo o material.

Não existia um roteiro, apenas o argumento que pretendia mostrar o antes, o durante e o depois da inauguração da rodovia. Sérgio Puccini diz que “A decupagem técnica de um roteiro feita pelo diretor inicia-se pela análise de cada uma das cenas [...]. Nessa análise, o diretor faz um levantamento daquilo que é mais importante. O que ela informa?”, (PUCCINI, 2008, p. 77) . Na minha cabeça achava que tinha o documentário pronto. Busquei fazer uma organização que segue está temporalidade. Porém, quando comecei a montar o que já tinha feito, percebi que nada tinha feito sentido.

### 6.3 MONTAGEM

No meu livro de cabeceira que usei para estruturar este documentário, Roteiro de Documentário - Da pré-produção a pós-produção, o autor Puccini (2010) diz que na montagem o diretor exerce total controle sobre o universo de representação do produto: “Não importa o estilo do documentário, toda montagem implica um trabalho de roteirização que orienta a ordenação da sequência, define o texto do filme, dando forma ao seu discurso” (PUCCINI, 2010, p. 93).

Neste momento comecei a decidir de que forma iria contar a história. No processo anterior, na decupagem, fiz uma espécie de pré-seleção das partes que considerava mais importante para usar e comecei a montar este material aos poucos, tinha cenas de 2018, 2019 e 2020. Na minha cabeça isso ia economizar tempo, o que não se concretizou. No primeiro corte, o documentário ficou dividido em tempos de gravação. Uma parte só de 2018, outra só de 2019 e outra só de 2020. Quando finalizei, joguei no lixo tudo que tinha feito. Esta não era forma que tinha imaginado, não estavam fazendo sentido. A questão era como usar o tempo para construção da narrativa que tinha proposto.

Para Sérgio Puccini, “A manipulação do tempo pelo discurso pode servir para criar o interesse narrativo no filme pela via do suspense, como a utilização de flashbacks”.(PUCCINI, 2010, p.105). Partindo deste argumento, encontrei uma solução que me ajudou a utilizar o tempo para construir minha história. Peguei falas que estavam no meio do documentário e joguei falas que estavam no começo para o final. Nessa nova montagem, o documentário abre com imagens do Governador da Bahia assinando a ordem de serviço para a construção da rodovia. Depois uma sequência de fotos mostra máquinas e tratores desmatando a área e um morador olhando um rio sendo soterrado. Finalizo esta primeira parte com imagens de uma pessoa vestindo uma camisa com o nome da comunidade do Quingoma.

Este recurso serviu para introduzir no espectador os cenários que iríamos trabalhar e a ação dramática dos discursos que sucedem a sequência. “Ao montar a estrutura de um documentário, o diretor trabalha com um repertório de imagens e sons que pode ter origens e funções bem distintas na organização do discurso”.(PUCCINI, 2010, p.50). No tempo presente, começamos a introduzir a história. Os moradores falam sobre como souberam da construção da rodovia e, desta forma, apresento ao espectador o problema do documentário.

A partir disso faço um recorte temporal onde voltamos para 2018, no dia da inauguração da via metropolitana. Neste dia, o então Governador da Bahia Rui Costa e a então Prefeita de Lauro de Freitas Moema Gramacho falavam dos benefícios da nova via. Fazemos mais um recorte no tempo e voltamos três meses antes da inauguração (período que realizei as primeiras gravações no Quingoma).

Nesta sequência apresento contrapontos às falas do Governador e da Prefeita, depoimentos nos quais os moradores apresentam suas versões sobre a rodovia. Só depois disso fizemos a abertura com o título do documentário. Desta forma, acredito que tenha conseguido oferecer ao espectador as ferramentas para seguir ou não acompanhando a história. Sérgio Puccini diz que “Na abertura o produto deve ter breve apresentação do tema, o documentarista deve informar o problema com o qual o documentário irá abordar, as principais pessoas envolvidas - e o que mais o espectador precisa saber para que o documentário possa seguir adiante”. (PUCCINI. 2010.pp.51). Utilizo como recurso cartelas informativas para complementar informações que foram cortadas. Desta forma consegui estruturar o documentário.

#### 6.4 DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO

O documentário nasceu com o propósito de desenvolver o assunto em fases. Utilizando blocos temporais para oferecer ao espectador a sequência dos fatos. O filme começa apresentando o problema nos tempos atuais e retrocede no tempo três vezes para poder contextualizar a história. Sérgio Puccini diz que “a progressão cronológica é a mais antiga forma de narração, é o método mais utilizado porque satisfaz nossa curiosidade natural de querer saber o que está para acontecer”. (PUCCINI. 2010.pp.54).

O que aconteceu já foi dado antes da abertura e a gente busca aguçar o espectador a querer saber como tudo isso começou. Na primeira fase, na qual os personagens e seus dramas são apresentados, busquei estruturar a história de modo que toda carga dramática fosse despejada ao mesmo tempo em que os personagens mantinham a esperança de que o futuro seria melhor e que ao menos, suas reivindicações seriam atendidas.

## 6.5 EDIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

A edição é o processo de refinamento das ideias que foram pensadas para todo o documentário. Neste momento são feitas as correções de cor, áudio, o ritmo das imagens e a forma como o documentário vai ser apresentado. Este é o momento de cuidar dos mínimos detalhes que fazem a grande diferença no documentário pronto. Neste, em específico, as gravações tiveram problemas previsíveis; imagem tremida, áudio ruim, qualidade de imagem inferior. Em muitos casos, os problemas técnicos não puderam ser resolvidos na edição. Deste modo, precisei pensar em estratégias para poder contar a história.

Quando comecei a estruturar o projeto, a lógica seria usar o conteúdo melhor enquadrado e com o melhor áudio. Porém, como o documentário tinha recortes temporais com três anos de diferença, usar uma imagem em full HD para ilustrar uma sequência onde a imagem estava com qualidade ruim, além de ficar discrepante, poderia confundir o espectador quanto ao tempo que estava retratando.

De 2018 para 2021 existe uma grande diferença entre a qualidade das imagens. Então minha preocupação foi usar as imagens que tinha para o período temporal que estava trabalhando, decidi não as misturar. Na edição tentei amenizar muitos problemas técnicos: áudio ruim e imagens tremidas foram os piores. Utilizei recursos de redução de ruídos e um estabilizador para amenizar as imagens tremidas.

A edição em alguns pontos me incomodou um pouco, minha ideia era oferecer uma construção mais suave quanto aos cortes e, se ficassem imperceptíveis, seria melhor. Porém tive tantos problemas de imagem que, infelizmente, precisei fazer cortes bruscos para preservar o texto do documentário. Este problema poderia ser resolvido com imagens de cobertura mas, neste caso, tinha limitações. Não queria misturar imagens de qualidades diferentes e, principalmente nas gravações de 2020 e 2021, tínhamos limitações quanto à captura de imagens por conta da pandemia.

## 6.6 FINALIZAÇÃO

Trabalhar com imagens de qualidades diferentes exigiu um pouco mais de atenção com relação aos cortes. Para atenuar os cortes e falas picotadas, investi em fade back mais longos, tanto para fazer a passagem de um tema para o outro quanto para fazer um sobe som. Muitas falas têm um respiros grandes, evitei cortar para



não higienizar muito a fala dos personagens, optei por tirar os excessos mas manter a naturalidade. Optei por não tratar a cor das imagens. Como já tinha assumido as imperfeições das imagens tremidas e o áudio com ruído, como parte do processo de construção do produto, ficava discrepante uma higienização neste sentido. Minha preocupação foi estabelecer uma unidade na construção da narrativa. Talvez, nem se quisesse dar uma uniformidade estética, conseguiria. A graça deste filme está justamente na resolução dos problemas técnicos quando a história vai avançando para a contemporaneidade. Também utilizei clipes para dar um respiro nas falas. Neles, quando não usava trilha de ambientação, fiz uso de som direto para compor.

## CONCLUSÃO

Este documentário pra mim, foi um laboratório de experimentação. Foi possível quebrar a temporalidade, começar o filme pelo problema, voltar no tempo, avançar no tempo. Filmar o real é lidar o tempo todo com o imprevisto. É plantar uma semente e não saber se dará fruto. Puccini diz que “ as possibilidades criativas de uma montagem que não necessariamente ficam presas às regras de continuidade espaço-temporal propiciam um campo fértil” (PUCCINI. 2010.pp.106). Busquei fazer um produto informativo e acessível para todos os públicos que se interessem pelo tema.

Desejo torná-lo acessível na internet, exibi-lo em festivais e, quem sabe, ajustá-lo para TV. Talvez fazer um recorte mais simples me poupasse muitos problemas, porém o desafio de contar essa história com um recorte de três anos foi estimulante, e as dificuldades e o esforço que precisei fazer para chegar até aqui tornaram este finalzinho de curso muito mais especial.

Tentei construir uma narrativa que deixasse clara a real dimensão do problema em que eles se encontram e o que foi feito para sanar os problemas que não foram causados por eles. Meu orientador pontuou que seria importante ter uma resposta do Governo do Estado, Prefeitura de Lauro de Freitas, Via Bahia e da construtora MRV, alvo de críticas dos moradores. Fui resistente a essa ideia por entender que a ideia do produto era propor uma narrativa. Depois de refletir, e diante da natureza do produto que é a conclusão do curso de Jornalismo, considero justo que eles possam oferecer as suas versões. Entrei em contato com as respectivas assessorias e a única que prometeu dar um retorno foi a da Prefeitura de Lauro de Freitas, o que não aconteceu.

O documentário deixa que pouco se foi feito, e que os problemas para estes moradores estão longe de terminar. No documentário Pai Manoel disse uma frase que resume bem a situação que se encontram. “ Estão espremendo a comunidade para poder expulsar”. Não posso afirmar que esta seja a intenção, mas é evidente que uma área que tem se valorizado, com a construção da rodovia, torna-se alvo de disputa por especuladores imobiliários.

Abinario Santos e António Borges, por exemplo, depois de terem o seu território cortado pela construção da rodovia, não tiveram condições de reestruturar a vida com as condições que lhes foram impostas. Eles venderam as terras e hoje, Gabriela Menezes que era muito próxima dos dois, está cercada por duas construções de casas

de veraneio. Um de seus novos vizinhos soterrou parte do rio para poder entrar em casa com carro. Agravando ainda mais a situação de que já vive uma situação dramática. São coisas que estão sendo discutidas na justiça mas que quando/se for resolvida, dificilmente irá recuperar o prejuízo ambiental que foi causado.

Como realizador, contribui para manter viva a história de uma comunidade e deixo para o posteridade o trabalho de pessoas que lutaram e lutam pela sobrevivência e pela manutenção do seu território. Terminei este trabalho com vontade de voltar daqui a três anos e ver o que aconteceu com essas pessoas, como a comunidade vai sobreviver. Será que os condomínios que buscam se instalar na região vão conseguir expulsar os moradores? Será que Marivaldo vai vender a terra, aconteceu com Abnario Santos e Antonio Borges? Será que ele vai conseguir voltar a plantar?

Do ponto de vista da produção, este é um trabalho autoral, todos os problemas tinham que ser resolvidos na minha cabeça porque não contei com o auxílio de um editor, por exemplo. Às vezes o editor consegue propor um caminho, não tinha pensado. Contei muito com a ajuda de meu orientador, que, por conta da pandemia, não pude encontrá-lo pessoalmente.

Este exercício me deu a oportunidade de pôr em prática muita coisa que aprendi no curso de Jornalismo. A própria construção do produto demonstra isso: no decorrer do vídeo, nota-se que os problemas técnicos vão diminuindo. Aprendi a ouvir e a confiar na minha intuição. Às vezes não dá certo, mas isso nos ajuda a ser ágeis para encontrar soluções e resolver problemas que surgem o tempo todo.

Tenho muito carinho por este trabalho. É um produto que exigiu de mim muita organização e dedicação ao tema. Produzir um produto durante um semestre é bem diferente de viver uma história por três anos. Ver seus personagens irem, voltarem, desistirem de seus sonhos, seus desejos, seus territórios... Ao mesmo tempo em que se vê a força de pessoas que sofreram todo tipo de violência e se mantêm firme e pronta para lutar quantas batalhas vierem.

## REFERÊNCIAS

AUDIENCIA PUBLICA- DEMARCAÇÃO DO QUILOMBO DO QUINGOMA. Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/midia-center/noticias/42126>. Acessado em 17/04/2021.

DECRETO PRESIDENCIAL 2003. **Estabelece Critérios para Demarcação de Terras Quilombolas**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm#:~:text=D4887&text=DECRETO%20N%C2%BA%204.887%2C%20DE%2020,Ato%20das%20Disposi%C3%A7%C3%B5es%20Constitucionais%20Transit%C3%B3rias](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm#:~:text=D4887&text=DECRETO%20N%C2%BA%204.887%2C%20DE%2020,Ato%20das%20Disposi%C3%A7%C3%B5es%20Constitucionais%20Transit%C3%B3rias). Acessado em 17/03/2020.

DA-RIM, Silvio. **Espelho Partido – Tradições e Transformações do Documentário**. Editora Azougue, 2004.

LABAKI, Amir. **Introdução ao Documentário Brasileiro**. Editora Francis, 2006.

LINS, Consuelo. **Filmar o real, Rio de Janeiro, RJ**. Editora Zahar, 2008.

LUZ, Marcos Aurélio. **Cultura Negra em tempos modernos**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

GloboLab - *Profissão Repórter*- Via- Metropolitana. **A estrada que Dividiu Sonhos**. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/globouniversidade/novidades/globolab/playlist/globo-lab-profissao-reporter.ghtml>. Acessado em: 12/04/2021.

Mercado de *streaming* cresce nos EUA e no Brasil em 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/mauricio-stycer/2020/11/29/mercado-de-streaming-cresce-nos-eua-e-no-brasil-em-2020.htm>. Acessado em 12/04/2021.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Salvador, Cidade mais negra fora da África**. Disponível em: [http://www.brasil.gov.br/editoria/turismo/2016/03/cidade-de-salvador-completa-467-anos/rio\\_vermelho.jpg/view](http://www.brasil.gov.br/editoria/turismo/2016/03/cidade-de-salvador-completa-467-anos/rio_vermelho.jpg/view). Acessado em 04/06/201

MINISTÉRIOS PÚBLICO FEDERAL. **Ação do Ministério Público pedindo a suspensão da construção da Via Metropolitana**. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/ba/sala-de-imprensa/docs/acp-quiringoma-incra-estadoba-25-05-2016.pdf>. Acessado em 04/06/201.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP, Papyrus, 2005.

PORTAL A TARDE. **Quingoma afirma-se como remanescente de quilombo**. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1526696-quiringoma-afirma-se-como-remanescente-de-quilombo>. Acessado em 04/06/2018.

PROTESTO DE MORADORES DO QUINGOMA NA ESTRADA DO COCO.  
Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1890181-quilombolas-protestam-e-fecham-parte-da-estrada-do-coco>. Acessado em 20/02/2020.

PORTAL A TARDE. **Bahia lidera estados com quilombolas**. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1879569-bahia-lidera-estados-com-quilombolas>. Acessado em 04/06/2018.

PUCCINI, Sergio. **Roteiro de Documentário – Da Pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP, Papyrus, 2010.

Relatório Antropológico de Contextualização Histórica e Geográfica do Território da Comunidade Quilombola do Quingoma, Município de Lauro de Freitas BA. **Relatório Final: minuta- agosto de 2016- INCRA**. Disponível em: <https://antigo.incra.gov.br/media/docs/relatorio-gestao/2016/sr05-ba.pdf> . Acessado em 17/08/2020.

SOUZA, José. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**, São Paulo, SP: Editora Summus.

Terras Quilombolas no Brasil. Fundação Palmares. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/>. Acessado em 04/06/2018

Voices do Quingoma. **Processos Formativos e Tecnológicos como Contributos para o Diálogo entre Currículos Praticados e Escolares**. Tássio Cardoso Simões UNEB 2018.